

Alessandro Antonio Rodrigues – UNESP/Campus de Marília/SeducSP
Maria Valéria Barbosa Veríssimo - UNESP/Campus de Marília

9º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA
GT 10- O Ensino de Sociologia e as Reformas do Ensino Médio

PIBIC/ EM: VISIBILIDADE E PROTAGONISMO VALORIZANDO O
ENSINO DE SOCIOLOGIA

São Paulo/SP
2025

PIBIC/ EM: VISIBILIDADE E PROTAGONISMO VALORIZANDO O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Alessandro Antonio Rodrigues ¹
Maria Valéria Barbosa ²

RESUMO

Os debates e questionamentos em torno da diminuição das aulas de Sociologia na educação básica nos leva a refletir e discutir sobre a urgência de se buscar, na totalidade dos fatos, quais foram os erros ocorridos durante esse processo que levou a disciplina a esse momento atual, assim como a importância de retomada da sua valorização na rede de ensino, principalmente na pública. O objetivo desse artigo é discutir a importância do projeto de iniciação científica PIBIC/EM - Ciências Sociais e todas as possibilidades evidenciadas por ele na formação dos estudantes e desta maneira trazer à tona a necessidade do retorno da Sociologia em todos os níveis do novo ensino médio, sendo os professores um elemento principal na formação dos estudantes. Os relatos dos alunos ao término de cada pesquisa desenvolvida na escola demonstra a importância dada por eles na participação em eventos e projetos que reafirmam uma realidade: a maior compreensão dos conteúdos da disciplina quando unimos a teoria com a prática. A quantidade de bolsas de iniciação científica oferecidas pelas agências fomentadoras de pesquisas cria um ambiente de ensino propício, tornando um diferencial aos estudantes que participam destes projetos. Seria como realizar o estágio da própria trajetória, unindo suas vivências e relacionando ao que é apreendido, tornando protagonistas do próprio saber e decidindo o que fazer com ele, independente da profissão que escolham percorrer.

Palavras-chave: Formação Teórico-Prática, Política educacional, Trabalho docente, Ensino de Sociologia.

INTRODUÇÃO

A discussão geral desse artigo gira em torno da importância dos projetos de iniciação científica, PIBIC/EM – Ciências Sociais realizados por alunos do novo ensino médio e de como um aumento das bolsas de iniciação científica, por agências fomentadoras, evidenciariam a necessidade da volta desta disciplina em todos os níveis. Desta maneira, este estudo se torna de essencial relevância, na medida em que busca trazer elementos que visam reconhecer a eficiência de tais projetos e a contribuição destes no fomento da pesquisa contribuindo para a ciência, o que faz da sociologia um elemento chave de uma formação

¹ Doutorando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – Unesp, negro, homem, Marília - SP, alessandrorodrigues@prof.educacao.sp.gov.br;

² Doutora pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – Unesp, negra, mulher, Marília - SP, valeriabarbosa@unesp.br.

mais completa, trazendo assim não apenas a necessidade da sua permanência na 2ª série do novo ensino médio mais a da sua volta na 1ª e 3ª série.

A Sociologia enquanto disciplina obrigatória esteve condicionada a grandes momentos de nossa história, sendo colocada e retirada muitas vezes dos currículos como aponta Mota, (2005, p.92-94) em: “Os lugares da sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores”. Desta maneira o objetivo geral do artigo é mostrar a importância na construção do protagonismo e visibilidade da própria realidade em que o aluno está imerso, proporcionado pelo estudo da sociologia e de maneira mais específica, as possibilidades de perspectivas de caminhos a serem seguidos, enquanto profissão, traçando os caminhos de sua própria história.

Entendemos que o trabalho com os projetos de iniciação científica aumenta o protagonismo dos alunos, assim como a visão crítica que eles têm do mundo. Neste sentido, buscamos nosso referencial teórico sócio-histórico-cultural a partir das análises de trabalhos realizados por Vigotski (2010), principalmente em “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem”, que leva em consideração as realidades vividas como forma de desenvolvimento.

Caminhando nesta perspectiva periférica da própria escola, trouxemos também um autor que retrata esse recorte por meio de poesias: Sérgio Vaz (2016) em “Flores de alvenaria”. A nossa metodologia de estudos com os alunos do projeto baseou-se no estudo de autores clássicos da sociologia tais como: Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, trabalhando a leitura de seus conceitos fundamentais e reescrevendo algumas partes em forma de poesia, de maneira a tornar o ensino mais prazeroso para eles. Nessa reescrita eles conseguem, trazer elementos da realidade por meio de suas vivências.

Outro projeto evidenciado fala sobre o slam. Nessa musicalidade transmitida, discutimos: racismo, desigualdade social, política, religião, homofobia, direitos humanos, violência contra a mulher, entre outros temas, e estudamos artigos como o de Cynthia Agra de Brito Neves (2017): Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo e: “Transperiferias: uma proposta para pesquisas socialmente engajadas”; (2023). Acredito que os jovens buscam meios de expressar pensamentos e visões de mundo em determinados assuntos e debates, de tal forma que se tornou um desses canais.

O protagonismo que os alunos alcançaram na realização desses projetos nos ajudou a discutir temas tão caros a sociologia como do homem enquanto ser social, principalmente com poesias que nos ajudaram a trabalhar essas realidades. A voz periférica como sentido de

acesso incentivando-os a relacionar as histórias de suas vidas com os conhecimentos vividos, tendo contato com outros profissionais, tais como em rodas de conversas, tornando o projeto enriquecedor. Essas discussões, ao qual o artigo se refere, trazem a importância do ensino de sociologia ao qual deveria estar em todos os ciclos do novo ensino médio e da indispensável figura dos professores, evidenciado em todo esse processo, servindo de coordenador, supervisor, orientador ou mesmo colaborador de todas essas pesquisas. Essa é uma preocupação muito atual e segundo nossa hipótese, um aumento de bolsas em projetos por agências fomentadoras pressionariam o retorno da sociologia a todos os níveis do novo ensino médio enquanto acompanhamento de maneira adequada.

As dificuldades encontradas na falta desses profissionais trazem a tona uma discussão atual para o futuro da profissão: o apagão de professores. Para Rosimar Serena Siqueira Esquinsani e Valdocir Antonio Esquinsani, autores do artigo: “O ‘Apagão’ docente: licenciaturas em foco”; (2018) retratam o risco da falta de professores na educação básica por conta do esvaziamento e da falta de investimentos, tornando pouco interessante e procurado. Na formação de professores, os autores identificam problemas estruturais, desde salários até condições de trabalho e desvalorização, contribuindo para esse déficit crescente e evidenciando também a necessidade de formações específicas, conhecimentos disciplinares, pedagógicos, didáticos e metodológicos como elementos centrais.

O artigo em questão levanta também, além dos problemas estruturais que serão discutidos e que tornam real esse apagão docente, a necessidade de formação de um futuro docente que pode ser iniciado a partir de um projeto de iniciação científica, pois a educação é principalmente uma relação humana.

CAMINHOS A SEREM SEGUIDOS: A EXPERIÊNCIA DE REALIZAR UM PROJETO

A visibilidade a qual o artigo se refere, é a particularidade essencial para que os alunos se sintam pertencentes a um espaço, o ambiente escolar e não dentro de um espaço, a escola. Desta forma o objetivo passa pela vivência dos alunos e pelas mudanças que terão em seus caminhos por conta da aprendizagem. O autor Vigotski nos faz pensar sobre essas questões em que as crianças possuem níveis diferentes de desenvolvimento. Um desses níveis ele vai chamar de nível desenvolvimento real, partindo do que a criança aprendeu da convivência com as outras pessoas, desde antes de entrar na escola, ou seja, uma aprendizagem cultural e

sendo assim, faz com que sejam desenvolvidas suas funções psicológicas superiores por meio de trocas culturais e outra que o autor vai chamar de zona de desenvolvimento proximal, na qual o conhecimento irá depender do aprendizado de tarefas na qual a criança precisa aprender com outra pessoa, podendo ser o professor, que detém o conhecimento que será transmitido, ou um adulto que possua o conhecimento. Quando a criança atinge qualitativamente seu nível de desenvolvimento real, abre outra zona de desenvolvimento proximal. Ou seja, o desenvolvimento se dá a partir das vivências, das trocas culturais e do conhecimento que será apreendido a partir de um referencial sócio-histórico-cultural.

Dito isso, não é necessário sublinhar que a característica essencial da aprendizagem é a que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimular e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com outros, que na continuação, são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança. (VIGOTSKI, 2010, p.115).

Para o autor as funções psicointelectuais são especificamente humanas e são formadas no decurso da história do gênero humano, aparecendo no decurso do desenvolvimento da criança, de forma social intersíquica e de forma individual intrapsíquica. A linguagem exemplifica isso, originando necessariamente em meio social, e depois se internaliza.

Como a linguagem interior e o pensamento nascem do complexo de inter-relações entre a criança e as pessoas que a rodeiam, assim estas inter-relações são também a origem dos processos volitivos da criança.³

Partindo da vivência dos alunos a um conhecimento construído conjuntamente, um dos projetos do PIBIC ensino médio foi pautado no desenvolvimento de poesias, no qual conceitos sociológicos de autores clássicos da sociologia foram trabalhados com esse formato. Neste sentido trouxemos também o autor Sérgio Vaz, por se destacar pela sua poesia marginal. Em “Sinfonia para surdos”, podemos dizer que, para o autor, a sua poesia tem a função de acordar as pessoas para a realidade em que elas vivem, no sentido de buscar

³ VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 11ª edição. São Paulo: Ícone: editora, 2010. P. 114.

mudanças e uma maior representatividade dos espaços que elas ocupam, principalmente daqueles que estão vivendo uma desigualdade.⁴

Dessa forma, a sua inspiração vem das pessoas que vivem as mais variadas situações, e dentro dessas, as que são vividas na periferia, a qual ele também viveu. E se ele seguiu em frente, elas também podem. A pista que ele nos dá é que isso só é possível se tivermos um objetivo coletivo. Apesar de não morar mais na periferia, ele ainda tem dentro de si a necessidade de lutar contra essa realidade que muitos ainda vivem. Sendo assim, toda vitória é comemorada coletivamente como uma família.

Observamos que durante o projeto os alunos se identificaram com os poemas do autor e serviu como uma referência já que muitos vivem todos os dias alguns aspectos que é contextualizado nas poesias. Em: “Flores de Alvenaria”, que leva o título de seu livro, os alunos discutiram sobre os sentimentos sentidos. A poesia retrata o medo de andar pelas ruas sombrias pedindo para segurar as mãos da amada com poucas esperanças sobre o futuro incerto. Sérgio nos fala da representação da solidão e da pobreza que fizeram parte de seu passado e que querem voltar a ser parte de sua vida, porém, ele deseja seguir em frente e focar no seu presente. Falando do racismo, dentro da comunidade, ele cita a agressão policial, deixando marcas de sofrimento pelas calçadas e interferindo na paz das ruas, enquanto os que morrem de fome são ignorados e esquecidos nas filas de hospitais, mas sempre representados nas letras de rap.⁵

As velhas botinas para Sérgio Vaz representam o passado que ele deseja esquecer, e que, de certa forma, lhe causa agonia, porém é como se ele dissesse para si mesmo que é preciso reagir. No nosso entender, ele não quer passar por isso sozinho e precisa de uma companhia. Mencionando a tristeza que faz parte da realidade dessas pessoas, ele retrata a tentativa de se esconder desse sentimento enraizado dentro de si, refletido nas pessoas sentadas nas mesas de bares. Frequentar esses locais traz o sentimento de conforto, pois faz com que elas não se sintam sozinhas.

Ele está recrutando os esquecidos para participar das rodas de poesia, acreditamos que escutar outras pessoas declamando seus sentimentos os incentive a falar dos seus também, e dessa forma ajudar essas pessoas a se enxergarem, refletir sobre a própria realidade e reagir para sair da situação em que se encontram. Apesar das dificuldades, é preciso continuar sonhando, imaginando e lutando.

⁴ VAZ, Sérgio. Flores de alvenaria. São Paulo: Editora Global, 1ª Edição Digital, 2016. P. 31.

⁵ P. 7.

Outro projeto que se desenvolve na escola durante o projeto PIBIC ensino médio é: Slam acadêmico: uma ferramenta de incentivo ao protagonismo juvenil. Neste projeto os alunos puderam evidenciar e dar voz a sentimentos que por muitas vezes se reprimem dentro deles. Para a autora Cynthia Agra de Brito Neves o slam existe desde os anos 1980. É proveniente dos Estados Unidos e se configura como uma batalha de rimas e poesias para ser declamada e falada em público. O movimento está crescendo no Brasil e há eventos nacionais e internacionais, ou até mesmo uma copa do mundo.⁶

No Brasil é mais popular entre a comunidade da periferia e principalmente os jovens, em que a essência dos versos trazem ocupações de espaços públicos, teor afirmativo e de identidade histórica na cultura africana que preservam a sua ancestralidade pelo conhecimento transmitido às outras gerações de forma oral e que foi adaptado a realidade atual. Nas escolas públicas do estado de São Paulo, antes, não havia tantos eventos de slam, porém atualmente estão trazendo mais oportunidades para a pedagogia e o ensino ao desenvolvimento de habilidades, como a criatividade, pensamentos críticos, autoconfiança de maneira a trazer alguns temas para debates dentro da escola.⁷

Nessa musicalidade transmitida, podemos discutir: racismo, desigualdade social, política, religião, homofobia, direitos humanos entre outros assuntos. Acredito que os jovens buscam expressar o que pensam e em determinados debates, é um desses canais. Na escola e espaços públicos é onde mais é encontrado e desta forma identificamos em nossa pesquisa que atualmente engloba vários tipos de classes sociais. As pessoas veem o slam como um veículo de compartilhamento de suas opiniões e insatisfações, sendo assim, qualquer pessoa dentro de uma roda, poderia expressar também seu jeito de pensar e encontrar soluções. Seguindo esse caminho, enquanto uma ferramenta de incentivo ao protagonismo ramificando dentro da escola.

Um dos objetivos de nossa pesquisa é o compartilhamento de ideias com outros profissionais, tais como: como professores, escritores, futuros poetas, entre outros. Em um desses encontros no projeto de sociologia na escola, do núcleo de ensino da UNESP/Marília: bordar e escrever como testemunho da ancestralidade: as obras de Rosana Paulino e Conceição Evaristo, nos proporcionou o contato com outros estudantes e professores. Nesses encontros observamos a possibilidade que os alunos encontraram de ter oportunidades de liberdade de expressão. Por outro lado é possível com a comunidade escolar buscar

⁶ NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. P. 93.

⁷ NEVES, C. A. B. "Transperiferias: uma proposta para pesquisas socialmente engajadas". Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Dossiê temático ISSN: 1984-6398 v. 23, n. 3, 2023. P. 3.

visibilidade trazendo o slam para a escola e a transformar em uma ferramenta de aprimoramento da educação escolar a ponto de unir ensino, arte e novos talentos surgidos.

Durante a pesquisa vimos que sim, pois em algumas escolas de São Paulo, segundo os artigos em questão, a escola além da função da oralidade, da escrita, da interpretação e da contextualização tem o dever de cumprir também uma função social com os alunos, mostrando mais visibilidade aos temas sensíveis de forma sensata e discutida, de maneira a respeitar todos os públicos, e ele cumpre essa função, fazendo do ensino um momento de aprendizagem, motivação e descontração entre alunos, professores, comunidade escolar e famílias. Transformando os preconceitos, combatendo racismo, homofobia, gordofobia, relações de gêneros, de maneira a desnaturalizá-los, melhorando o ambiente escolar.

A REALIDADE DE UM PROBLEMA IMINENTE

A falta de perspectiva enfrentada por muitos professores dentro do ambiente escolar, atrelado a desentendimentos frequentes entre alunos e de uma política educacional implantada pelo Estado, desvalorizando, desmotivando e excedendo o tempo de trabalho desses profissionais que deveria ser investido em melhorias na qualidade das aulas e das suas metodologias, se esgotam em meio a cobranças burocráticas que corroboram para uma triste realidade e que precisa ser modificada: o apagão docente nos próximos anos.

No contexto do ensino superior brasileiro em 2016, as matrículas nos cursos de licenciatura representavam 18,9% do total. Ainda em 2016 o Brasil contabilizou 7.356 cursos superiores de licenciaturas, com cerca de 1,5 milhão de estudantes matriculados e 238.919 alunos concluintes, de acordo com os dados do Censo da Educação Superior, sistematizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).⁸

Os autores Rosimar e Valdocir Esquinsalin se impressionaram com a baixa procura pelos cursos de licenciatura, assim como a diferença de adesão a carreira docente das novas gerações em torno dos 25 anos de idade, comparados com os professores acima de cinquenta anos que caminham em direção à aposentadoria. Dentro dessa análise, os mesmos 25 anos que separam esses professores, gera uma fissura que tende a aumentar justificando uma

⁸ ESQUINSALIN, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSALIN, Valdocir Antonio. O 'Apagão' Docente: Licenciaturas em foco. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 18 - n. 3 - Itajaí, JUL-SET 2018. P. 260.

necessidade de discussão por toda a categoria e que não se pode ser resolvido apenas com soluções artificiais e simplistas, como o aumento de idade para se aposentar.

Para o enfrentamento de tal fenômeno se tem, contemporaneamente, o desenho de algumas políticas. Entretanto, essas políticas dão conta de soluções emergenciais, como o apelo à terceirização e aos contratos emergenciais ou temporários, respaldados pela Lei 13.429, de 31 de março de 2017, que dispõe sobre o trabalho temporário e as relações de trabalho na empresa de prestação de serviços a terceiros. O § 3º do Art. 9º da referida lei traz uma prescrição jurídica que adiciona aos contratos temporários um ingrediente que os estende e legitima no que concerne à educação: o contrato temporário pode versar sobre atividades-fim, no caso, a docência.⁹

É interessante que os autores já apontavam naquele momento para um caminho que se tornaria fato recorrente na educação, ou seja, a presença de vários profissionais das mais diferentes áreas, dotados de um notório saber e atuantes dentro das salas de aulas. Atualmente já estão presentes em itinerários formativos, dentro da educação técnica e profissional no ensino médio. Esse tipo de especialização, dentro desse panorama, na educação atual pública, ocupa o espaço de várias disciplinas, principalmente as da área de Ciências Humanas e dentre elas, as de sociologia.

Outro questionamento que fazemos, a saber, e não necessariamente para dar conta de uma possível falta de professores, mas como justificativa da tercerização dentro da educação utilizando de sistemas de contratos, colocando o professor dentro de uma dependência a um sistema na qual é retirado, cada vez mais, os seus direitos trabalhistas e condições para o desenvolvimento de seu trabalho, no mínimo dentro de condições adequadas, aspectos estes também trazidos pelos autores Rosimar e Valdocir Esquinsalin (2018), uma possível falta de professores que devesse ser combatida junto a uma política de reconhecimento de cargos e salários, assim como de melhores condições de trabalho.

A melhor saída para essa situação é no investimento na carreira inicial. Segundo Rosimar e Valdocir Esquinsalin (2018), nas licenciaturas e repensar sobre a formação que entram em foco além das questões materiais e das condições de trabalho, mas também com o aperfeiçoamento na formação docente. Neste sentido a necessidade cada vez maior de unir teoria e prática.

⁹ Ibid., p. 261 - 262.

Além do mais, os recentes movimentos de políticas educacionais que incluem – mas não apenas – as leis nº 13.174/2015 e nº 13.415/2017; a Portaria Capes nº 38, de 28 de fevereiro de 2018; o Edital Capes nº 6/2018 - Residência Pedagógica, bem como o Edital Capes nº 7/2018 - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), tem instado às instituições que mantêm licenciaturas a uma discussão mais densa sobre tais cursos.¹⁰

Podemos assim dizer, que o incentivo dado aos estudantes da licenciatura, enquanto participantes com bolsas nos cursos de formação de professores como Residência Pedagógica e PIBID aproximam da sala de aula e da realidade das escolas na qual será enfrentada na atuação docente não apenas futura, mas no dia a dia da participação nestes programas, assim como os problemas e desafios que irão vivenciar, buscando um sentido a sua formação, de maneira a colocar em prática as metodologias aprendidas juntamente com o professor da disciplina, unindo as vivências e contribuindo para a construção do processo de ensino e aprendizagem.

Porém, o que é verificado pelos autores Rosimar e Valdocir Esquinsalin (2018), dentro de suas pesquisas, para tornar a carreira docente atrativa, além desses movimentos, outros fatores organizacionais dentro do próprio escopo da universidade são necessários, principalmente naquelas em que a docência não tem papel central dentro dos currículos, sendo uma discussão central na educação brasileira. Os currículos, em níveis, modalidades, desde a educação básica à superior, assim como toda a sua complexidade de projeto nacional e de caminhos a seguir.

Em geral, o currículo é uma ‘arena de disputas’ no interior das Instituições de Ensino Superior, posto que estão envolvidas em uma discussão curricular questões cotidianas como definições de carga horária; divisões de turmas; organização de horários, etc. Tais questões não são apenas mecanismos de gestão das instituições, mas também estratégias de poder em torno de sujeitos, disciplinas e, em última instância, de definição de currículos.¹¹

Dessa forma, o currículo não expressa necessariamente todas as melhores necessidades pedagógicas, mas volta o foco na formação de pesquisadores a qual deveria

¹⁰ Ibid., p. 263.

¹¹ P. 264.

existir maior equilíbrio. Outro elemento destacado é a hierarquização dentro dos próprios cursos de licenciatura em que possuem pesos diferenciados, na qual a formação técnica baseada primeiramente em formações disciplinares afastam os licenciados da docência, sendo desconhecimento da maioria deste, o próprio currículo ao qual fazem parte, problema que deveria ser resolvido, até como formas de exigências de pressionar modificações dentro do próprio currículo.

É dentro deste cenário que ganha destaque e relevante importância dos cursos de formação de professores, pois são voltados para o exercício da sala de aula, tendo como uma das principais funções romper com hierarquizações pedagógicas e didáticas dentro da própria instituição universitária.

Políticas Educacionais oriundas do executivo têm convergido para a aproximação orgânica entre a Educação Básica e o Ensino Superior, principalmente por meio de políticas de estado, materializadas em legislações, como por meio da Lei nº 13.174, de 2015 – que altera a LDB 9.394/1996, incluindo entre as finalidades da educação superior, seu envolvimento com a Educação Básica – e da Portaria nº 158, de 10 de agosto de 2017 – que convida a IES a apresentar sua política institucional de formação de professores para a Educação Básica para apresentar candidatura a editais de fomento da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica (DEB) da CAPES.¹²

O conhecimento é determinante e nesse sentido a necessidade de mudança nos cursos de licenciatura, pois a leitura de mundo não se faz sem conhecimento e prática. Um conhecimento que faça sentido para as novas gerações deve ter na base um conhecimento que leve a emancipação. Para formar o educador é necessário formar o social. Existe um desequilíbrio entre formação docente e pesquisadores. Neste sentido não podemos reduzir nossa prática pedagógica ao ensino apenas dos conteúdos. É necessário coerência com o que falamos, pensamos e fazemos. Integrar licenciaturas diversas e não se esquecer das práticas educacionais, pois é cultural do professor com seus alunos.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

¹² Ibid., p. 267.

A discussão sobre a permanência da sociologia nas escolas, sempre esteve em discussão em vários momentos de nossa história, assim como a função social que ocupa. Iremos expor alguns desses momentos e nesse sentido enquanto obrigatoriedade foi a partir de 1925, com a Reforma Rocha Vaz, porém sempre com carga horária baixa, conteúdo diluído em outras ciências humanas ou como parte de disciplinas diversificadas do currículo. Segundo a autora, buscando dentro das possibilidades, espaços e meios de se estruturar dentro de um modelo disciplinar.¹³

Em 1942, na reforma de Gustavo Capanema, ministro da educação do governo Getúlio Vargas durante o Estado Novo, a sociologia fica fora dos currículos das escolas secundárias.

Pela Reforma Gustavo Capanema o ensino secundário foi organizado em dois ciclos: o ginásial, um curso de quatro anos, e o colegial, subdividido em dois cursos de três anos cada: o curso científico e o curso clássico. O primeiro destinava-se ao estudo das ciências, e o segundo a formação intelectual. Com a intenção de desatrelar o ensino secundário do ensino universitário, a reforma Capanema extinguiu os cursos complementares que preparavam para as carreiras superiores. O ensino de sociologia, então, perdeu a obrigatoriedade, visto que a disciplina era tida como preparatória para as carreiras, de direito, medicina, e engenharia.¹⁴

Segundo a autora, em 1964 a direção política do país intuiu o ensino profissionalizante como prioridade e não apenas a sociologia como a filosofia e as ciências humanas em geral foram retiradas do ensino secundário. Em 1971, a reforma Jarbas Passarinho substituiu a reforma Capanema com a lei 5.692. A partir dessa reforma, primário e ginásial ficaram juntos e foram denominados de primeiro grau, com oito anos de duração e obrigatório aos estudantes dos sete ao quatorze anos de idade, enquanto o segundo grau substituiu o ensino científico, clássico, normal e técnico que era as divisões do colegial, tendo a partir deste momento a duração de três anos. Os jovens deveriam ter uma habilidade profissional e mesmo a sociologia compondo a parte diversificada desses cursos não conseguiu sua inserção, pois as escolas eram orientadas a exigir atividades práticas.¹⁵

¹³ MOTA, Kelly. C. C. S. Os lugares da sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores. Revista Brasileira de Educação. Anped, n. 29, 2005. P. 92-93.

¹⁴ P. 94.

¹⁵ P. 94.

Mota observa que os períodos de transformações políticas e socioeconômicas do Brasil, no final das décadas de 1970 pela redemocratização, influenciaram mudanças no sistema escolar. A lei 5.892/71 foi alterada pela lei nº 7.044/82 retirando a obrigatoriedade da profissionalização e a substituiu pela “preparação para o trabalho”, abrindo possibilidades da entrada de disciplinas optativas. O período de reinserção da sociologia vai de 1982 até os tempos atuais.¹⁶

Em um momento em que os esforços se voltam para a defesa da obrigatoriedade da sociologia no ensino médio, é um desafio problematizar ideias recorrentes em torno do seu lugar na formação de estudantes.¹⁷

Sendo assim, não apenas a luta por direitos e deveres deva ser evidenciada, mas o debate destes temas em sala de aula e o professor dentro deste cenário é o elemento principal na formação de pessoas críticas e reflexivas. A construção de uma cidadania que vai discutir as relações de gênero, movimentos sociais, ambientalistas, etc. A sociologia deve buscar uma educação pautada na formação crítica e política. Neste sentido lutar contra ações governamentais que tentam impedir que as próximas gerações que serão formadas cresçam com esses aspectos. Esse movimento deve estar presente também entre os próprios professores de outras áreas trazendo uma consciência de classe, de maneira que a educação seja principalmente um elemento libertador por meio de uma mudança na realidade social.¹⁸

Dentro do exposto, existe a necessidade de aproximação do ensino superior com as escolas de educação básica a ser alcançado para se evitar um apagão docente futuro. Políticas públicas que levem a valorização da profissão e do profissional, alcançado principalmente por meio dos projetos dentro das escolas. É dentro desse processo que trabalhamos a nossa hipótese inicial nesse artigo, evidenciando a importância dos projetos de iniciação científica no ensino médio, o PIBIC.

Essa vivência citada entre professor e aluno da licenciatura de maneira mais densa na construção do conhecimento pode e deve ser vivenciada com os alunos do ensino médio. Conforme Vigotski (2010), a construção do conhecimento possui fases de desenvolvimento e este é alcançado quando se coloca em prática os conhecimentos gerados a partir das próprias vivências com os conhecimentos aprendidos em sala de aula, alcançando níveis superiores de aprendizagem em uma análise socio-histórica-cultural da realidade. Sendo assim, a formação

¹⁶ Ibid., 94.

¹⁷ P. 90.

¹⁸ P. 98.

desse aluno de licenciatura que se interessou pela docência não se iniciaria apenas nos cursos de licenciatura, mas no próprio ensino médio, com os projetos de iniciação científica que ele construiu junto com o professor de sociologia.

A relevância destas pesquisas realizadas pelos estudantes bolsistas do ensino médio, assim como na participação dos bolsistas da graduação em processo de formação alinhados com os professores de sociologia em conjunto com as agências fomentadoras dessas bolsas poderiam pressionar as instituições de ensino a modificarem seus currículos, de maneira a oportunizar mais alunos a esses benefícios, criando maior visibilidade de tais projetos e da figura do professor de sociologia, como elemento fundamental, para que esse processo ocorra contribuindo para a possibilidade do retorno dessa disciplina em todo ensino médio.

REFERÊNCIAS

ESQUINSALIN, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSALIN, Valdocir Antonio. O ‘Apagão’ Docente: Licenciaturas em foco. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 18 - n. 3 - Itajaí, JUL-SET 2018.

MOTA, Kelly. C. C. S. Os lugares da sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores. Revista Brasileira de Educação. Anped, n. 29, 2005.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

_____. “Transperiferias: uma proposta para pesquisas socialmente engajadas”. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Dossiê temático ISSN: 1984-6398 v. 23, n. 3, 2023, e42849.

VAZ, SÉRGIO. Flores de alvenaria. São Paulo: Editora Global, 1º Edição Digital, 2016.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: editora, 11ª edição, 2010.